



TER POR HAVER

Em “No meio do caminho”, Carlos Drummond de Andrade usa várias vezes o verbo *ter* no lugar de *haver*, ou seja, *tinha* por *havia*. O poema termina assim:

*Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Na coluna Não Tropece na Língua 46 citei verso de Chico Buarque corroborando fato linguístico muito comum na língua portuguesa que é o uso do verbo *ter* de forma impessoal, com o sentido de *existir*. Impessoal quer dizer que não há um sujeito com que o verbo deva fazer a concordância; por isso ele permanece na forma neutra, que é a terceira pessoa do singular.

Vejamos uma frase em que o verbo *ter* flexiona de acordo com seu sujeito (sublinhado): “Tinham alguns meninos chegado ao ponto de ônibus quando o acidente aconteceu”. Quem tinha chegado? A resposta será “alguns meninos”. No entanto, o verbo ficará no singular se “alguns meninos” não for o sujeito da oração, mas sim o objeto direto: “Tinha alguns meninos no ponto de ônibus quando o acidente aconteceu”. Aqui, não existe resposta para “quem tinha”, pois ninguém tinha feito nada. Não existe um sujeito. O verbo é portanto impessoal, não podendo ser flexionado. É por essa razão que não se usa o acento circunflexo no presente em condições de impessoalidade:

Tem mulheres **que adoram “rodar a baiana”**.

Tem vezes que só queremos é sair do país.

Na padaria do português sempre **tem pães e doces** feitos na hora.

Tem mais rapazes **que moças na discoteca hoje**.

É evidente que o tempo do verbo pode ir além do presente, e ele é usado inclusive em tempos compostos e locuções verbais:

Tem tido muitas brigas no condomínio.



por *Maria Tereza de Queiroz Piacentini* *

Vai ter uma feijoada lá em casa no sábado.

Com certeza **teve** ocasiões em que os latinos se sentiram desanimados.

Tinha gente que apelava para o ridículo.

Estamos entendidos: tudo isso está certo, é válido, está muito bom. Porém... O “porém” da história é que nenhuma das frases acima citadas é de natureza formal. Ou é poesia, ou propaganda (em que se costuma privilegiar o coloquial) ou frase do dia a dia, incluindo transcrição de depoimento nos autos de um processo. Em linguagem mais cultivada, exigida nos meios acadêmicos ou oficiais, impõe-se o uso do verbo *haver*, e nos mesmos moldes, isto é, sem a flexão:

Sempre **haverá os descontentes** com o rumo dos acontecimentos.

Há ocasiões em que todos nos sentimos propensos ao desânimo.

Enfrentaremos com denodo todos **os obstáculos que houver**.